

AGRICULTURA MBYA-GUARANI NA CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE: A PARTIR DA ALDEIA MARĂGATU – IMARUI/SC

Bruno Utermoehl, Orivaldo Nunes Jr¹.

RESUMO: A conservação da biodiversidade genética de cultivares alimentícios nativos por parte da comunidade Mbya-guarani de acordo com suas práticas tradicionais.

PALAVRAS-CHAVE: Biodiversidades, subsistência, Mbya-Guarani, recursos genéticos e etnovariedades.

INTRODUÇÃO

Antigos habitantes da região correspondente à Mata Atlântica, "desde a Barra da Cananéia até o Rio Grande do Sul (onde era o grupo mais numeroso), a partir daí até os rios Paraná e Paraguai (Litaiff, 1996), o grupo conhecido primeiramente como **Carijó**, depois denominados de **Guarani**, tem, certamente, grande responsabilidade na manutenção da biodiversidade desta região.

Divididos atualmente, pelos estudos em Antropologia, em quatro grupos falantes da língua Guarani, que tem raiz no tronco Tupi, localizados na América do Sul: "**Chiriguano** somente na Bolívia; **Kayova**, no Brasil e Paraguai; **Chiripa** (ou **Nhandeva**) e **Mbya** no Brasil, Paraguai, Uruguai e Argentina" (Litaiff, 1996). Tais diferenciações definem-se devido ao "dialeto, costumes, práticas rituais e também na forma de ocupação territorial" (Felipim, 2001).

O subgrupo ao qual temos acompanhado é o **Mbya-guarani**, que vem há algumas décadas retornando ao seu território no litoral do Brasil, donde foram obrigados a fugir durante a época da conquista no século XVI. Mantendo vivo seu sistema tradicional de ocupação territorial, dividindo a população em várias Aldeias (**Tekoa**), que respeitam a estrutura familiar de organização, não evitando de exercer a comunicação entre as Aldeias e a constante movimentação de indivíduos/famílias dentro desse território (sul e sudeste do Brasil, Uruguai, Paraguai e Argentina) considerado tradicional pelo grupo.

Mesmo enfrentando o problema de falta de terras reconhecidas pelos governos como tradicionais Guarani, "pode-se afirmar que a agricultura tem importância fundamental na vida das famílias Mbya. Longe de ser praticada em larga escala, a

¹ Museu Universitário, UFSC, Fpolis, SC, CEP 88040-900

agricultura Mbya subsiste, pura e simplesmente, por estar imbricada nas esfera mais íntima de sua cultura, a religiosidade”(Felipim, 2001).

DESENVOLVIMENTO

Tendo acompanhado, através do Setor de Etnologia Indígena da Universidade Federal de Santa Catarina, que mantém um projeto de subsistência na aldeia Mbya-guarani de Imaruí, também denominada por estes indígenas **Tekoa Marāgatu**, sentimo-nos envolvidos e compromissados em contribuir para a manutenção de **tais práticas tradicionais**. Com 80 ha e localizada no município de Imaruí, à 80km ao sul de Florianópolis, esta aldeia possui 25 casas e cerca de 100 habitantes (Litaiff, 1999).

Exímios agricultores, a população Mbya maneja os recursos naturais de tal forma que “regiões conquistadas pelo grupo permitiam uma estável capacidade de suporte em relação ao meio ambiente natural” (Felipim, 2001). Tais práticas tradicionais do grupo vem contrapor a agricultura “moderna”, de tradição ocidental, que é altamente dependente de insumos, baseada na monocultura e espécies homogêneas. Que atualmente é responsável pela “degradação da base de recursos naturais associados a agricultura” (Altieri, 1997), causando a inevitável erosão genética.

No sistema agrário de floresta a escolha da área a transformar-se em roça e da época de plantio, implementados pela população Mbya, segue as formas tradicionais do grupo respeitando sua cosmologia (ex.: na lua minguante se dá o plantio). Tal sistema consiste na agricultura de coivara baseada na derrubada e queima na implantação da roça. O plantio se segue pelo “consorciamento de muitas espécies com estrutura morfológica distinta associadas” (Noeli, 1993) fomentando a manutenção de recursos genéticos complementares ou simbióticos.

Um exemplo típico encontrados nas roças é o plantio consorciado de variedades de milho (planta de caule ereto) plantados no mesmo espaço com variedades de feijão, além de batata-doce, amendoim, abóbora (plantas que crescem em ramagem). “Essa diferença cria relações que acabam protegendo a maioria dos cultivares, resultando em poucas perdas” (Noeli, 1993).

“Os solos, a água e os recursos genéticos são os fundamentos da agricultura e da segurança alimentar mundiais. Os recursos fitogenéticos, que são geralmente os menos conhecidos, compõe-se da diversidade do material genético contido nas variedades tradicionais...” (Lévêque, 1999).

As populações Guarani vem através dos séculos mantendo, ou até mesmo, gerando a biodiversidade de seus cultivares tradicionais. Somente assim podemos

explicar como, apesar de todas as dificuldades, principalmente a falta de terras, ainda hoje essa população mantém quantidades expressivas de variedades de cada espécie cultivada.

O milho (*Zea mays*) vem a ser a principal espécie cultivada, talvez por sua relação direta com a cosmologia do grupo. "O milho não só é o elo que possibilita a conexão entre os dois mundos [afirmado pela cosmologia Mbya], mas também fator propiciário da introdução das pessoas na sociedade. Dito de outra forma, o milho é imprescindível para que o Mbya receba seu nome, que passe a ser pessoa e se inscreva no círculo das relações sociais. (...) Sem milho o Mbya não existe. (...)" (Garlet, 1997).

"**Avaxi etei** significa 'milho verdadeiro', uma classificação genérica que abrange todos os tipos de milho tradicionalmente cultivados pelos Guarani... Consistem um tipo de milho farinácio, de endosperma branco e apresentando variações na coloração de aleurona (camada externa mais fina do endosperma) e do pericárpio. Com exceção para o **Avati pororó** (milho pipoca de coloração branco cristal)" (Felipim, 2001).

As diferentes etnovariedades de milho mantidas em Tekoa Marãgatu são denominadas pelo grupo como: **avati miri**, variedade de grãos de coloração amarela, espigas com formato pequeno, altura do pé baixa e ciclo de produção curto (cerca de 60 dias); **avati ju**, variedade de grãos com coloração amarela, espigas com formato grande, planta com pé alto e ciclo de produção médio (cerca de 90 dias); **avati ovy**, variedade com grãos de coloração azulada, espigas médias, porte de planta alto e ciclo médio (cerca de 90 dias); **avati ti**, grãos de coloração branca, espiga de tamanho grande, pé alto, ciclo médio (cerca de 90 dias); **avati parakau**, grãos de coloração vermelha, espiga de tamanho grande, pé alto, ciclo médio (cerca de 90 dias).

Também foram encontradas etnovariedades de feijão (*Phaseolus sp.*), denominados de: **cumandá opepucu**, caracterizado por grãos pequenos, ligeiramente alongados e de coloração vermelha, branca ou bicolor branco/vermelho, cultivar de crescimento indeterminado; **cumandá ti**, caracterizado por grãos médios, ligeiramente alongados e de coloração branca, de crescimento indeterminado; **cumandá ovy**, caracterizado por grãos pequenos, ligeiramente alongados e de coloração preto, de crescimento indeterminado.

As variedades de batata-doce (*Ipomoea sp.*) são denominadas de: **jety mandio ti**, cultivar de coloração branca no exterior e interior, com tubérculos alongados e estreitos, com formato semelhante à mandioca; **jety ope**, cultivar de coloração branca no exterior e interior, com tubérculos grandes e arredondados; **jety ju**, cultivar de coloração vermelha

no exterior e amarelo no interior, com tubérculos alongados; **jety carau**, cultivar de coloração vermelha no exterior e com interior roxo, com tubérculos arredondados.

Mandiocas (*Manihot esculenta*) também são encontradas etnovarietades denominadas de: **mandio ti**, de coloração interior branca, comestível, com tubérculos alongados e estreitos; **mandio dju**, de coloração interior amarela, comestível, com tubérculos alongados.

Além desses cultivares, a alimentação Mbya contém uma gama ampla de espécies utilizadas na subsistência, entre elas: pelo menos quatro variedades de abóbora (*Curcubita sp.*), chamada de **andaí**; três variedades de cará (*Dioscorea sp.*), **carapipá**, cultivar de cará de coloração roxa, **caraguaçu**, cultivar de tamanho grande e coloração branca, **caraembó**, cará mimoso; duas espécies do gênero *Xanthosoma*, mangarito (*Xanthosoma sagittifolium*) e taiá (*Xanthosoma violaceus*), denominada **tayaó**; encontrados também variedades de pimentão (*Capsicum sp.*), denominada **guejyi**.

CONCLUSÕES

As práticas Mbya contribuem na manutenção *in situ* de várias espécies importantes para a agricultura atual garantindo a diversidade e a soberania alimentar. Outra estratégia para tal fim são as embridadas redes de trocas de recursos genéticos entre as várias aldeias do território compreendido como tradicional Mbya.

A fomentação de tais práticas vem a contribuir não só para garantir a segurança alimentar do grupo, como também a manutenção e conservação da base genética de cultivares nativos dos trópicos.

LITERATURA CITADA

ALTIERI, M.A. MERRICK, L. 1997. **Agroecologia e conservação in situ da diversidade de plantas nativas do terceiro mundo**. In: WILSON, E. (Org.). **Biodiversidade**. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, RJ.

FELIPIM, A. P. 2001. **O sistema agrícola Guarani-Mbya e seus cultivares de milho: um estudo de caso na aldeia Guarani da Ilha do Cardoso, município de Cananéia, SP**. Dissertação de Mestrado da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (EZALQ).

GARLET, I. 1997. **Mobilidade Mbya: História e Significação**. Dissertação de Mestrado do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, PUC-RS, Porto Alegre, RS.

LÉVÊQUE, C. 1999. **A Biodiversidade**. EDUSC, Bauru, SP.

LITAIFF, A. 1996. **As divinas palavras dos Guarani: Identidade étnica dos Guarani-Mbyá**. Ed. da UFSC. Ilha de Santa Catarina, SC.

_____. 1999. **"Les Fils du Soleil: mythe et pratique des Indiens Mbya-guarani du littoral du Brésil"**. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Antropologia da Universidade de Montreal, Canadá.

NOELLI, F. S. 1993. **Sem Tekohá não Tekó**. Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, PUC-RS, Porto Alegre, RS.